Ano II Lisboa, 27 de Julho de 1927 N.º 85

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director literario: PAPIM

Director artistico: PAPUSSE

O REI DO MUNDO

POR
MARIO ALVES PEREIRA

DESENHOS DE
EDUARDO MALTA

O tempo em que Bouddha andava pelo mundo prègando a Doutrina, Vayuddha era o rei de Keshram, na Birmânia. Apesar do seu reino ser muito pequeno, Vayuddha era orgulhoso e imaginava-se o mais poderoso rei da terra. Não obstante êste defeito, o Senhor Bouddha adivinhou que um dia Vayuddha se converteria à sua fé, mas que, para isso, lhe seria preciso um auxílio divino.

—Visto que Vayuddha é orgulhoso, disse o Mestre, é pela força dêsse mesmo orgulho que eu hei de reduzi-lo à santa humildade dos meus discípulos. Todos os caminhos levam à perfeição; eu lhe tornarei visível o caminho que ha-de leva-lo à santidade, limpando-o das hervas ruins que são as paixões humanas.

Assim foi que, alguns dias depois, uma vistosa cavalgada se apresentou diante do palácio que o rei Vayuddha habitava durante o vêrão. Soberbos, os cavalos tão frescos e serenos se apresentavam, que bem parecia terem chegado dum curto passeio apenas; traziam o corpo coberto de finos estofos bordados de oiro e sôbre as altas selas de coiro trabalhado, montavam jovens cavaleiros ricamente vestidos. Eram sete os cavaleiros, todos parecidos como irmãos. Sôbre os fatos da mais fina seda amarela, luziam cadeias de oiro incrustadas de pedras preciosas. As suas feições eram nobres e fidalgas, cheias duma grave e serena magestade. Mal êles se apearam diante da porta do palácio, logo os creados do rei vieram apressados ao seu encontro, pois tinham ordem de bem acolher todos os estrangeiros que lhes parecessem de nobre condição.

Então, um dos cavaleiros declarou que os seus companheiros e êle vinham numa embaixada entregar ao rei Vayuddha uma mensagem do grande rei Siddharta, o mais poderoso rei do mundo; por isso, pediam uma audiência ao príncipe de Keshram, a fim de lhe darem a conhecer o fim da sua visita.

Logo que estas palavras lhe foram transmitidas, Vayuddha todo se alegrou:

(Continúa na página 4)

:NOVELA INFANTIL:

:Por MARIA ROSA RÉSÉDÁ:

:Desenhos de EDUARDO MALTA:

(Conclusão)

Daquela cabeça não saía coisa bôa, com certeza. Tinham de estar àlerta...

No dia seguinte, após um banho tépido e perfumado, Sua Alteza o Príncipe Reinaldo Miguel Salvador fazia a sua «toilette» ajudado por numerosos pagens. Nêste momento envergava o riquíssimo traje de príncipe: calções azuis de veludo e a casaquinha de seda vermelha toda bordada, com peitilho, gola e punhos de magníficas rendas verdadeiras. Calçava meias brancas de riquíssima sêda e sapatos pretos decotados, com grandes laços da mesma côr. Findara a «toilette».

O príncipe mirou-se no grande espelho de cristal e sorriu satisfeito. De súbito bateram à porta do quarto; um pagem foi abrir. Entrou um escudeiro. Curvou-se até ao chão em frente do príncipe e murmurou:

Alteza, o côche real está pronto. Esperamos as vossas ordens.

—Nada mais preciso. Podeis retirar-vos, respondeu «Farrusco» que principiava a tomar a sério o seu papel de príncipe.

Um dos pagens entregou-lhe o gôrro de veludo vermelho enfeitado com lindas plumas brancas.

O Príncipe Reinaldo seguido pela sua comitiva de pagens foi mostrar-se ao Rei, seu pai, que, satisfeito, o abraçou ternamente.

Junto ao portão do palácio estacionava o côche real puxado a três parelhas de magníficos alazões brancos «pur sang». Seis «Cavaleiros de Honra» montados em fogosos cavalos negros, ladeavam o côche. O príncipe recostou-se comodamente nas almofadas de setim.

Sentados atrás iam dois escudeiros portadores do grande saco de ouro. Levantando graciosamente o chapéu o Príncipe Reinaldo saudou o Rei que aparecera no terraço. O cocheiro chicoteou os cavalos que partiram a trote largo e a carruagem real, acompanhada de os Cavaleiros de Honra, desapareceu ràpidamente numa curva do caminho, deixando atrás de si uma nùvem de poeira.

* * *

Sentada na soleira da porta, do seu humilde casebre, a avó de «Farrusco» remendava uma camisa do neto. De vez em quando tirava os óculos e limpava os olhos marejados de lágrimas, pois a demorada ausência do neto começava a inquietá-la deveras.

Ah! para que o deixara ela ir!

Como estava arrependida de não ter feito mais fôrça para que êle ficasse!...

Desalentada, o trabalho caiu-lhe das mãos, a cabeça, alva de neve, pendeu-lhe para o regaço tristemente e dos seus olhos, outrora tão lindos, as lágrimas começaram a cair sôbre as suas mãos enrugadinhas, cançadas de trabalhar. Soluçou perdidamente durante muito tempo. De súbito entrou na aldeia uma carruagem puxada a três parelhas de cavalos brancos.

O rapazio da terra, que conhecia muito bem o côche real, julgando que o monarca ia dentro dêle, irrompeu em altos gritos entusiásticos:

—Viva Sua Magestade o Rei Ricardo! Viva o nosso Rei bem Amado! Viva! Viva!

A carruagem foi parar mesmo à porta da anciã. A velhinha assarapantada com tamanha honra, ergueu-se de chôfre, mas não teve tempo de dizer nada porque alguém lhe saltou ao pescoço, cobrindo-lhe o rôsto de beijos ardentes, ao mesmo tempo que uma voz muito sua conhecida lhe murmurava:

—Sou eu Avó, eu, o seu neto «Farrusco». Hein! que lhe diria eu? Lembra-se ainda? Que lhe havia de aparecer vestido como um fidalgo e que dois criados me acompanhariam trazendo o saco de ouro prometido pelo Rei. Vê vocemecê que me não enganei, que saiu certo? Olhe bem para mim Avó, veja como o seu neto está bonito!...

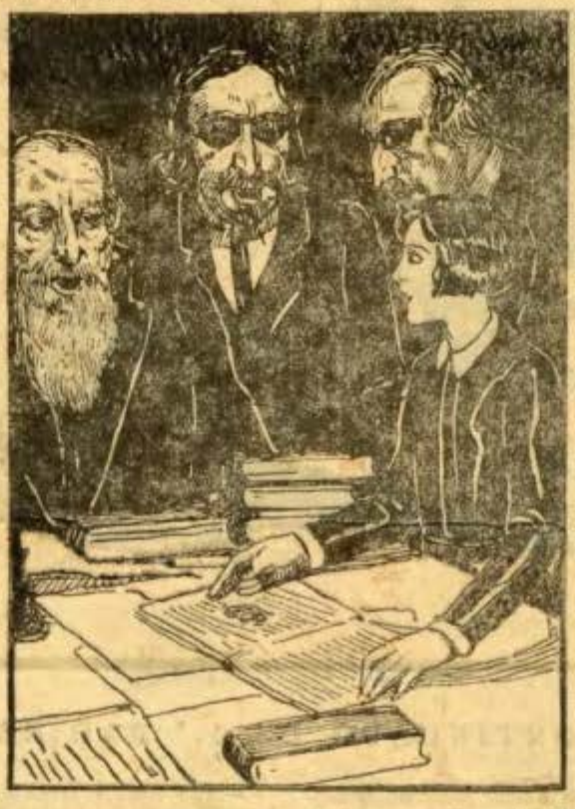
E «Farrusco» largando a Avó, pôs-se em frente dela, começando a virar-se para todos os lados, a andar para traz e

para diante, fazendo várias cortezias e reverências e executando passos de dança.

A pobre velhinha, de olhos esbugalhados e de mãos postas, estupefacta e boquiaberta, fixava o neto, cuidando que tudo aquilo não passava de um sonho. Por fim convenceu-se que não era um sonho mas sim a realidade ao ouvir a narração de «Farrusco» e o convite que o Rei lhe fazia para ir viver para o palácio.

Sentia-se tão contente, não por ela que estava no fim da vida, mas pelo futuro deslumbrante que esperava o neto, tão depressa ria como chorava.

«Farrusco» distribuiu todo o ouro do saco à farta pela aldeia, prometendo que quando aquele se acabasse teriam mais, pois não queria que houvesse mais pobres na sua terra natal. Despediu-se afectuosamente de todos e, coberto de bençãos, partiu com a Avó para o palácio, onde o esperava a felicidade.



VI

A partir dêsse dia uma vida nova começou para «Farrusco».

Os melhores e mais sábios professores foram chamados à côrte para ensinar o Príncipe Reinaldo.

Este, que era inteligentíssimo e além disso tinha a maior vontade de aprender, fazia de dia para dia progressos verdadeiramente prodigiosos, deixando os mestres estupefactos, que, na sua longa carreira de professores, afiançavam, não haviam encontrado nunca um discípulo que aprendesse com tanta rapidez e gôsto, e sobretudo que fôsse tão assíduo ao estudo. Os dias inteiros levava-os a estudar, quando outros na sua idade os levavam a brincar.

Às vezes o Rei escondia-lhe os livros, receoso que o filho adoecesse, pois cada vez se lhe afeiçoava mais. Apenas à quinta feira tinha férias.

Nêsse dia, logo que rompia a manhã, montava o seu fogoso corcel negro, presente do monarca como recompensa pelo seu adiantamento nos estudos, e, durante horas e horas, galopava sem destino, de cabelos ao vento, os olhos brilhantes de felicidade, radiante por gozar uma liberdade bem merecida. Como não era ingrato nem soberbo, quási sempre dava uma volta pela terra que o vira nascer, enchendo de dinheiro e de boas palavras os habitantes da aldeia.

Todos gostavam dêle porque era bondoso, afável e principalmente amigo dos pobres. Havia é certo —como no geral há sempre— alguns invejosos que faziam todo o possível para o intrigar com o Rei, mas êste, que não era tôlo, percebendo perfeitamente os seus manejos, tratou de os castigar severamente. O castigo serviu de exemplo, pois nunca mais ninguém ousou fazer intrigas.

Entretanto chegara o tal dia que «Farrusco» escolhera para fazer a limpeza às chaminés do palácio. De novo com o seu fato humilde, o pequeno andava radiante por cima do telhado e com um mólho de carqueja atado à comprida corda que servira também para amarrar o bandido Anão Ruivo, limpava as chaminés ajudado pelo seu camarada «Miudo».

Não levou muito tempo a limpeza pois aquilo não passava de um pretexto para uma partida imaginada por «Farrusco» «e que muito o iria divertir» dizia êle piscando maliciosamente os olhos garôtos. A partida resumia-se nisto: — enfarruscar todos que viviam no palácio uns mais, outros menos, segundo as simpatias ou antipatias de «Farrusco».

O primeiro a ser enfarruscado foi o Rei, que apenas ficou marcado com um pontinho negro ao canto da bôca como se fôsse um sinal, e que achou imensa graça à ideia de «Farrusco». Porém os cortezãos, os ministros, conselheiros e criados detestavam a brincadeira, ficaram piores que feras, mas «Farrusco» não se ralou nada com isso. Rindo, pulando e gritando corria atrás dos mais rebeldes e enfarruscava-os radiante.

O mordomo e o bôbo quando conseguiram fugir das suas mãos estavam completamente pretos. Alguns moços fidalgos toleirões e soberbos, que olhavam «Farrusco» por cima do ombro, e que faziam galas nos seus penteados e nos seus trajes pretenciosos, sempre no rigor da moda, choravam de raiva ao verem-se todos sujos e despenteados. E foram todos obrigados a jantar assim e a conservarem-se naquele estado até à meia noite. Foi um triunfo para «Farrusco»! E emquanto o fato lhe serviu, todos os mezes fazia a mesma brincadeira.

Não foi, porém, muito tempo, pois graças à boa comida e à vida regalada que levava «Farrusco» desenvolveu-se e cresceu ràpidamente, tornando-se em pouco tempo um esbelto e elegante rapaz, o que muito regozijou as suas vítimas que assim se viram livres da terrível partida. A Casa Misteriosa foi demolida e no seu lugar o Rei mandou erigir o busto de «Farrusco», moldado por um dos mais célebres escultores do seu reino.

(CONCLUSÃO)

Decorreram bastantes anos.

«Farrusco» é hoje Sua Magestade o Rei Reinaldo Miguel Salvador e governa o seu reino com acêrto, inteligência e justiça, a contento de todos. O seu pai adoptivo e a querida avó há muito que descançam em paz à sombra dos esguios ciprestes, mas no pensamento e no coração de Reinaldo, as suas imagens queridas ficaram para sempre gravadas. Casado com uma formosa princesa que à beleza do rosto aliava a beleza da alma, —a meu ver mais bela ainda— rodeado de filhos encantadores e meigos e idolatrado pelo seu povo, o Rei Reinaldo não podia aspirar a maior felicidade e, como os felizes não teem história, concluo esta, pois que nada mais tenho a dizer de «Farrusco», o limpa-chaminés.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

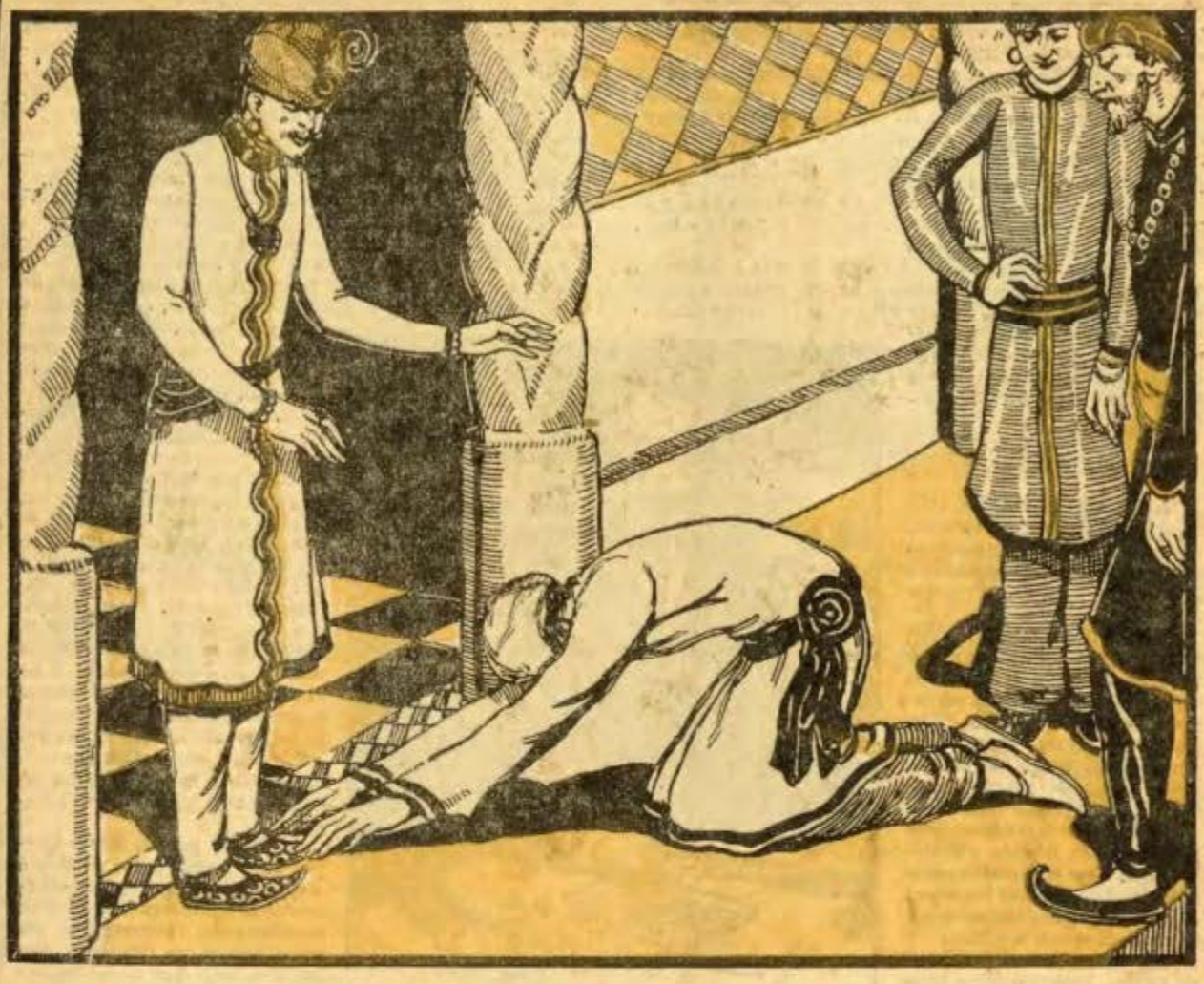
Ainda se encontra à venda o VIII VOLUME

«BÈBÉS de BIBE e BABETTE»

Por GRACIETTE BRANCO=Desenhos de EDUARDO MALTA

PROXIMO VOLUME

OS PALHAÇOS NOVELA INFANTIL POR AUGUSTO DE SANTA-RITA



(CONTINUADO DA 1.ª PAGINA)

—Sem dúvida Siddharta, que se diz tão poderoso, envia êstes mensageiros para solicitar a minha aliança, como o teem feito os outros soberanos; estarei pronto a dar-lha se fôr digno dessa honra, disse êle de si para si.

Então o Príncipe reuniu à pressa toda a sua côrte, na mais linda sala do palácio. Vestiu o mais rico fato que tinha, adornou-se com as suas mais preciosas joias e deu ordem para que introduzissem na sala os estrangeiros. A entrada dêstes produziu em toda a côrte um murmúrio de espanto. Os seus vestidos ultrapassavam em riqueza os de todos os presentes, incluindo o rei; e tudo nêles era tão harmonioso e lindo, que quem os via e quem os admirava, nem tinha forças para os invejar: os unicos sentimentos que inspiravam, eram uma religiosa contemplação, um involuntário respeito.

Então, segundo o costume do país, os embaixadores ajoelharam tocando com a fronte no chão e ficaram deitados sôbre macias almofadas, esperando que o rei os interrogasse; mas um tão nobre aspecto o rei lhes encontrou, que permitiu que êles se levantassem e ficassem de pé à sua frente, como se fossem príncipes do mesmo sangue.

—Senhor, disse um dos mensageiros, nosso Senhor Siddharta, dono dum reino imenso, ouviu gabar na sua côrte a tua fama de príncipe poderoso e bom. Sentir-se-ia feliz se te conhecesse pessoalmente e, assim, roga-te, por nosso intermédio, que vás passar algum tempo junto dêle.

—Grande prazer teria eu também, disse o rei, em conhecer o teu Senhor Siddharta; mas se êle deseja tanto ver-me, como diz, porque não veiu à minha côrte, que alegremente o recebia? Um soberano da minha qualidade, não tem por costume deslocar-se para visitar os outros príncipes, porque nenhum, por mais poderoso que seja, será, decerto, superior a mim!...

—Ah! Senhor, respondeu o mensageiro, desculpa a liberdade com que te falo; mas, em verdade, nenhum soberano se pode igualar ao Nosso Senhor, que é o maior rei do mundo e cujos domínios nunca foram limitados, porque vão até ao infinito... As suas riquezas são incalculaveis e a sua virtude sobrepassa a de qualquer pessôa... Os próprios Dewas, os espiritos da Naturêza, são também seus vassalos, como poderás ver, com os teus olhos, se te dignares satisfazer o seu pedido.

Vayuddha ficou silencioso; um instante pensou em expulsar êsses mensageiros insolentes, que de tal modo lhe mentiam... porque, bem seguro estava, que nenhum soberano poderia competir com êle... e, no entanto, como se poderia mentir assim, com um olhar tão puro e transparente, com uma voz tão firme e tão modesta?... E se êles falassem verdade e se valesse a pena ver?... De resto, o que arriscava em os seguir? Se, como queria crêr ainda, esse Siddharta não passasse dum vil impostor, êle saberia mais tarde castigá-lo duramente como merecia, pilhando o seu país e juntando êsse novo domínio ao reino de Kesrham.

—Seja, disse. Consinto em visitar o vosso rei. Vou dar as minhas ordens para que preparem uma caravana; partiremos dentro dalguns dias com os meus elefantes.

—Não é preciso, Senhor, disse aquele que parecia ser o chefe dos mensageiros. Não te disse eu que o Nosso Senhor manda não só nos homens, como também nos espíritos que governam os reinos da natureza e, particularmente, nos génios do Ar? Basta apenas, Senhor, que me digas quantas pessoas queres que nos acompanhem...

Então, depois que o rei disse as pessoas que levaria consigo, o mensageiro pediu-lhe que fosse com êle até à porta do palácio; uma vez aí chegados, êste, levando à boca um apito de oiro que trazia, numa corrente, pendurado ao pes-

coço, lançou no ar duas ou três notas dum som harmonioso e estranho. Imediatamente uma núvem de vapôr, branco, desceu do ceu azul e veiu condensar-se e espalhar-se no largo, em frente do palácio, envolvendo, num nevoeiro cerrado, todos os assistentes. Quando a núvem se dissipou, o rei e os cortezãos, surpreendidos, viram, no meio da praça quatro carros maravilhosamente decorados, atrelados cada um a seis lindíssimos cavalos brancos, nervosos e espumantes.

Os embaixadores, então, convidaram o rei e aqueles que haviam de o acompanhar a tomar logar nos carros, depois do que, de novo se ouviram três prolongados sons do mesmo apito de oiro... E uma núvem semelhante à primeira se elevou da serra, envolveu os carros e se perdeu no espaço.

O rei e os cortezãos tinham desaparecido com grande espanto e receio dos que assistiam a esta scena, pois julgavam acordar dum sonho maravilhoso.

.....

Alguns instantes mais tarde, os quatro carros, depois duma rápida viagem pelo azul do espaço, pararam diante dum imenso palácio de mármore branco que se elevava à beira do Oceano.

O rei Vayuddha foi então convidado a descer para ser conduzido à presença do Grande Senhor Siddharta.

Já surpreendido pelas dimensões dêsse palácio, dez vezes mais considerável do que o seu, que êle julgava o maior do mundo, o príncipe de Keshram subiu lentamente, seguido dos mensageiros e dos cortezãos, os cincoenta degraus de alabastro que se erguiam à sua frente.

Quando chegou diante das portas de oiro que fechavam a entrada, estas abriram-se, silenciosamente, como por si próprias; no atrio, um homem alto de aspecto nobre e severo, vestido dum reluzente tecido de oiro, adiantou-se a receber o príncipe. Então êste prostrou-se em terra e disse:

— Nobre Siddharta, sou forçado a reconhecer que tu és mais rico e poderoso do que eu...

— Enganas-te, Senhor, interrompeu o homem vestido de oiro, inclinando-se modestamente diante de Vayuddha; eu não sou o grande Rei mas sòmente o mais humilde dos seus servos, o porteiro do seu palácio, para te servir ou para te acompanhar no interior desta morada onde o Senhor te espera.

Vayuddha, confundido, calou-se e seguiu o porteiro.

Entraram, então, numa sala maravilhosamente decorada, numa das extremidades da qual um homem, cujos vestidos constelados de diamantes e rubís lançavam mil scentelhas luminosas, estava sentado sôbre um trono de marfim incrustado de oiro e pedras preciosas. Duas filas de guardas, altos como gigantes, agrupavam-se à sua direita e à sua esquerda. O rei de Keshram, ofuscado com tantas riquezas, lançou-se de novo no chão, seguro desta vez que êsse homem coberto de pedrarias não podia ser outro senão o próprio Siddharta. Mas, deixando o trono, o desconhecido levantou-o e disse-lhe gravemente:

— Sou o chefe dos guardas do palácio. Vem comigo e eu te conduzirei aos pés do Mestre.

Disse; e arrastando Vayuddha, mais e mais admirado e cada vez mais confuso, fê-lo penetrar numa nova sala que passava além de toda a beleza que o espírito humano podia imaginar na sua mais louca fantasia. Pedrarias de todas as côres, às mil, escorriam ao longo das paredes de mármore branco, como o leite, e formavam mozaicos rutilantes debaixo dos pés incertos de Vayuddha.

Mal se atrevendo a levantar os olhos, eis que êste viu então alguêm, vestido ainda mais sumptuosamente que o capitão dos guardas que vinha ao seu encontro de mãos erguidas em sinal de acolhimento. As feições dêste homem eram tão lindas, tão magestosas e ao mesmo tempo tão suaves e indulgentes que Vayuddha não viu o esplendor, dos seus vestidos, não viu nada, não pensou mesmo se teria à sua frente, desta vez, o Nobre e Grande Senhor Siddharta ou qualquer outro. Não; Vayuddha, desamparado, intimidado, ofuscado por todo aquele luxo que o esmagava, não viu diante de si, desta vez, senão um homem que êle sentia infinitamente complacente e bom, um homem que adivinhava o que êle pensava, um homem que o amava como êle nunca tinha amado... e caíu, abismou-se aos seus pés: não como um pobre, diante daquele que lhe dá guarida, mas como um filho chorando de felicidade aos pés do pai que há muito tempo já não via. Então uma voz grave e quente lhe falou:

— Até que émfim chegaste, meu filho! Crê que não te quiz humilhar mostrando-te as minhas riquezas, mas apenas fazer-te compreender que tudo o que possues pode ser igualado e mesmo ultrapassado. Não estás convencido?

Vayuddha inclinou a cabeça afirmativamente.

— Bem! êste palácio, êstes vestidos, todas estas joias, sabes acaso como as pude obter e porque motivo os achas

mais ricos e mais belos que tudo o que possues? Vou-to dizer: é que todo o luxo de que tu te orgulhas foi pago a pêso de oiro e é fruto do trabalho e do sacrifício de milhares de pessoas, enquanto que o que tu vês à minha volta é a criação apenas do meu espírito. Contentei-me em *querer* e pela força única da minha vontade; as túnicas dos adeptos que me rodeiam transformaram-se nos vestidos riquíssimos que viste, os muros do palácio ergueram-se da terra e até os próprios espíritos do Ar, obedecendo às minhas ordens, te foram procurar para te conduzir à minha presença. E, agora, dize: Não estás convencido que eu sou mais poderoso do que tu?

— Sim, balbuciou Vayuddha; mas, quem és tu que governas até os génios da Natureza?

— Sou Siddharta Gautama a quem os homens chamam o Bouddha. Não sou rei, porque abandonei, para conquistar a Sabedoria Suprema, o reino que devia pertencer-me; não sou rico porque proibi aos meus discípulos, que são os filhos do meu coração e do meu espírito, que jàmais possuissem a menor soma de dinheiro: assim lhes dou o exemplo. Contudo não te menti e, em verdade, sou o maior rei do mundo; a minha vontade não tem limites sôbre os homens e sôbre as coisas. Acredita-me, Vayuddha: não tens motivos para te orgulhares e eu mesmo, que, na força e no saber, estou muito acima de ti, também não tenho... A vida daquele que ainda não atingiu a sabedoria é como uma escada imensa em que os degraus, sem número, são as paixões, as ambições, os desejos dos homens; mas é também uma escada mágica, por isso que quem a sobe julga ter chegado sempre ao penúltimo degrau. «Mais um passo, diz êle, e terei chegado ao cimo; todas as minhas paixões estarão satisfeitas, os meus desejos realisados, as minhas ambições triunfantes». E o homem sobe com mais e mais dificuldade, mais ou menos pressa, o degrau supremo; mas ainda mal tem poisado o pé nêsse degrau, vê com espanto, que um outro surge na mesma escada, que aquele, a que subiu, não é ainda o último...

Assim, de esforço em esforço, de progresso em progresso, a criatura transpõe os infinitos degraus da existência humana e, sempre desgraçado, espera sempre a felicidade que não alcança. Ora acontece, porém, que, às vezes, alguns há que sobem a escada com os olhos vendados e julgam, por instantes, ter atingido o último degrau!... Tu eras um dêles, Vayuddha; e eu tirei-te a venda dos olhos. Fi-lo para te mostrar que a felicidade que gosavas não era mais que uma ilusão dos teus sentidos.

Enquanto o Mestre falava e Vayuddha, sentado aos seus pés, respeitosamente o ouvia, a scena tinha-se, a pouco e pouco, transformado: as paredes esplêndidas do palácio, os preciosos mosaicos, as colunas que sustinham o tecto, tudo se tinha apagado como fumo leve pelo ar...

Quando o Mestre se calou, Vayuddha ergueu os olhos. O rei Siddharta, magnificamente vestido, desaparecera; no seu logar, talvez mais magestoso ainda, o Bouddha, envolvido na túnica amarela dos ascetas, sorria docemente, na sua sublime simplicidade. A sala maravilhosa não era mais que o pátio, sem ornamentos, dum mosteiro, limitado por grandes muros brancos e despidos. Por sôbre as suas cabeças estendia-se o céu azul do Oriente. Em bancos de pedra, os adeptos, entre os quais se encontravam os mensageiros de Siddharta, também vestidos de amarelo, meditavam ou conversavam baixo. Uma paz suprema reinava naqueles sítios.

Vayuddha quási nem se admirou, porque havia compreendido as palavras do Mestre Senhor Bouddha e bem via agora que todos aqueles homens tinham chegado ao último degrau da escada mágica e possuiam todos a felicidade, enquanto que êle, com todo o luxo das suas riquezas caminhava para ela com as mãos vazias.

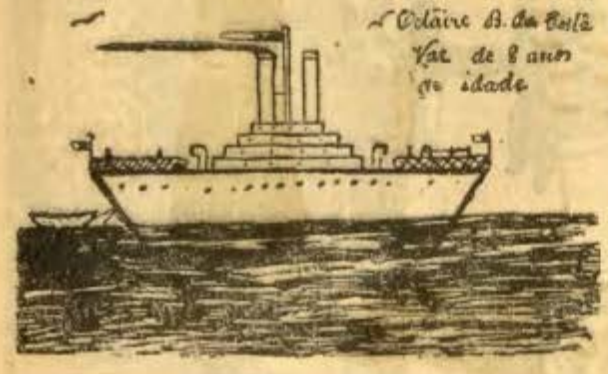
— Mestre, disse, prostrando-se outra vez diante do Bouddha, quero renunciar ao meu reino e desejo ser o mais humilde dos teus discípulos. Digna-te admitir-me no meio dêles.

Sorrindo, o Mestre estendeu as mãos sôbre a cabeça do novo adepto e disse:

— Que o refúgio do meu amor, da minha Lei e da minha Comunidade te seja eternamente propício, ó meu filho Vayuddha.

FIM

Colaboração infantil



Desenho do menino Octavio Vaz de 8 anos

Desenho do menino Alberto Matos dos Santos, de 10 anos

OS SERRADORES

Meus caros sobrinhos:

A «engenhoca» de hoje que é facílima, é dedicada aos pequenitos.

— Recortem em papel escuro e forte uma figura como a gravura representa.

Não é necessário cortar o jornal para o não estragar; basta decalcar a figura.

Coloca-se o decalque feito pelos pontos que teem a cruz, em papel branco e transparente, deixando uma folga.

Vendo a figura á transparência e passando um fósforo aceso pela parte contrária para um lado e para outro, ver-se-hão os serradores mecher, serrando com todo o entusiasmo.

No próximo número uma construção para meninas.

TIOTÓNIO

Rua do Seculo, 43 — LISBOA.

ANEDOTAS

Na rua:

— Tenha compaixão dum pobre cego carregado de familia!

— Quantos filhos tem você?

— Não sei, senhor, como não vejo nada...

Uma senhora surprendeu o criado a limpar os dentes com a sua escova.

— Como te atrevestes a limpar os dentes com a minha escova?

— O' minha senhora! eu não tenho nojo de V. Ex.ª

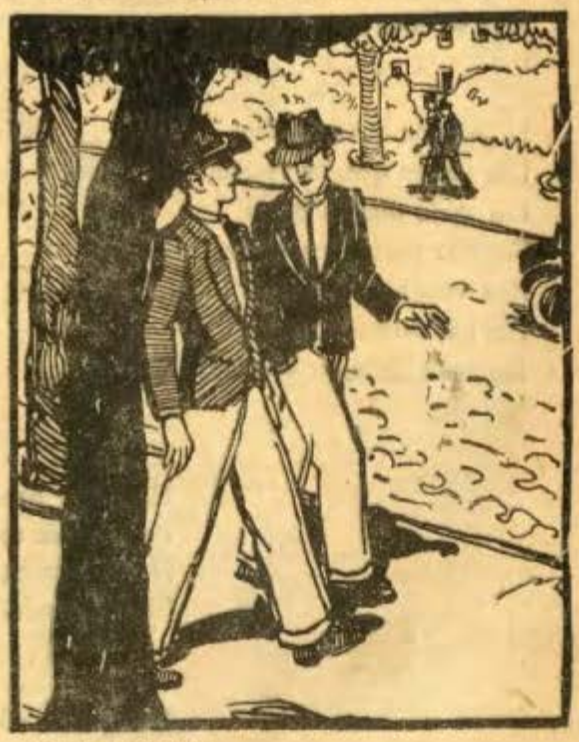
Luizinho que tem dois anos apenas, chora porque o mandam jantar na cosinha com a ama. Para o consolar, diz-lhe esta: Não chore, meu menino. Em tendo bigode já come à mesa com o papá.

Nisto o gato da casa salta para cima da mesa onde o petiz começa a jantar.

Luizinho, muito zangado, enxotando o gato:

— Tu tens bigodes... vai jantar com o papá!...

Romeu Heitor Mendes Ferrão



MEUS MENINOS:
Estes dois irmãos muito amigos vão a falar do seu avõzinho que se encontra perto. Vejam se o descobrem.

Nunucha

POR

Augusto de Santa-Rita

DESENHO DE

Eduardo Malta

NITA Maria — Nunucha —
Três anos de idade, só!
Já nos dedinhos não chucha,
Já anda num polvoró;
Mexe em tudo, tudo puxa...
Já finge andar de *pó-pó*...
E já se enfeita, já luxa!

Já gosta de ouvir o «Pio»
Uns versos que, ao recitar,
Um certo dia ela ouviu,
Ficando pasmada a olhar.
Mas vendo que alguém boliu...
Pôs um dedinho no ar,
Impondo silêncio: — schiu!

Tem olhos da côr dos céus,
Cabelos côr do luar;
Foi um presente que Deus
Aos papázinhos quiz dar!
Cautela, pois, Senhor Deus...
Quem dá e torna a tirar
—(Disseste ao discíp'los teus)—
Ao Inferno vai parar!

Cautela, Senhor, cautela,
Para que vivas nos céus,
Tem cautelinha
Com ela!

Há-de ter bem boa estrela,
Pois parece uma estrelinha!
Há-de crescer, ser vèlhinha
Sempre linda, sempre bela!

E impondo silêncio: — schiu!...
Um dia dirá o «Pio»
A alguma nètinha
Dela!